

A HISTORICIDADE DA ENTREVISTA COMO UM GÊNERO JORNALÍSTICO: UM ASPECTO A SER CONSIDERADO NA ELABORAÇÃO DE UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO

HISTORICITY OF THE INTERVIEW AS A JOURNALISTIC GENRE: AN ASPECT TO BE CONSIDERED IN THE DESIGN OF THE DIDACTIC MODEL OF THE GENRE

Gustavo Lima  <https://orcid.org/0000-0002-2434-361X>
Mestrado Profissional em Letras (Profletras) – UFAPE
Programa Pós-Graduação em Educação Contemporânea – UFPE
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
ghlima.prof@gmail.com

Fatiha Dechicha Parahyba  <https://orcid.org/0000-0002-5945-4029>
Mestrado Profissional em Letras (Profletras) – UFPE
Universidade Federal de Pernambuco
fatihadpb@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10328879>

Recebido em 22 de agosto de 2023

Aceito em 20 de novembro de 2023

Resumo: Este artigo buscou analisar o gênero entrevista como tradição discursiva. Com isso, buscamos evidenciar as dimensões discursivas e linguístico-discursivas dessa prática de linguagem, dando relevo a forma como o referido gênero se configurava e operava em um determinado contexto histórico. Para tal, realizamos um estudo exploratório a partir do recorte de um exemplar de uma entrevista realizada com Pelé no contexto do século XX, especificamente no ano de 1967. A partir da análise do gênero, sob o viés da historicidade, apontamos alguns aspectos importantes a serem considerados na elaboração de um Modelo Didático do Gênero (MDG) entrevista radiofônica de personalidade.

Palavras-chave: Historicidade. Gênero entrevista. Oralidade. Modelo didático

Abstract: This article aims to analyse the genre interview as a discursive tradition. Hence, we seek to highlight the linguistic and discursive dimensions of this social practice, focusing on the form of how this genre was shaped and effectively implemented in a given historical context. As such, an exploratory study based on an interview with Pelé as an interviewee has been carried out within the context of the 20th century, more precisely in 1967. The analysis of the genre from a historical perspective has revealed important aspects to be considered in the design of the Didactic Model of the Genre interview.

Keywords: Historicity. Interview as a genre. Orality. Didactic Model

1. Introdução

Face à relevância do ensino e aprendizagem da oralidade, cada vez mais acentuados e evidenciados (Jacob, Diolina, Bueno, 2018; Jacob e Bueno, 2020), objetivamos, neste artigo, com base na análise de um recorte da entrevista realizada com Pelé em 1967, apresentar elementos para um modelo didático do gênero entrevista memorialística¹. Para esse fim, propomo-nos examinar as dimensões linguístico-discursivas na entrevista com Pelé, observando, em especial, a historicidade de forma a verificar as regularidades do gênero entrevista no contexto de 1967 e como situá-lo no contexto atual. Tais elementos irão guiar a elaboração de um esboço de um modelo didático do gênero entrevista memorialística, focando os aspectos relevantes para o ensino da oralidade.

Convém salientar que a configuração dessa prática social mudou atualmente em função do advento das tecnologias digitais da informação, que transformaram os espaços midiáticos bem como os próprios contextos de realização. Contudo, muito embora tenha havido transformações e mudanças, partimos do pressuposto de que o gênero entrevista no meio esportivo continua sendo caracterizado, essencialmente, pelo caráter informativo interativo entre entrevistador e entrevistado, que mescla linguagem formal e informal. Esta última tende a predominar em contextos esportivos em decorrência da espontaneidade da fala e, na entrevista em foco, o ato de rememorar.

Historicamente, a entrevista como prática social constitui uma tradição discursiva consolidada e, por conseguinte, é constituída por elementos específicos que caracterizam o gênero em foco. Nesse sentido, com base nos elementos linguístico-discursivos, na organização interna e nos (possíveis) traços prosódicos da entrevista realizada há cinquenta e seis anos, buscamos identificar, em especial, os aspectos permanentes que podem ser contemplados na elaboração do Modelo didático do gênero entrevista.

Vale salientar que, muito embora a caracterização semiótica do gênero entrevista constitui, atualmente, aspectos relevantes na sua configuração, considerando as diferentes semioses envolvidas, o exemplar da entrevista com Pelé não oferece dados que se enquadram na tradição discursiva da época. Desse modo, partimos dos seguintes questionamentos: a) Como se configura o gênero entrevista no contexto histórico de meio século atrás a partir do recorte em análise? b) Quais são as possíveis dimensões ensináveis desse gênero no contexto escolar considerando o aspecto da historicidade?

Na busca de apreender como se constitui o gênero entrevista, numa perspectiva transdisciplinar do saber, adotamos, no presente trabalho, a composição de duas correntes teóricas: o Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006, 2008a) e as Tradições Discursivas (Kabatek, 2006). Nesse sentido, ao conjugar conceitos e concepções advindos das duas teorias aqui contempladas, julgamos que isso possibilita enquadrar o cerne dos elementos que constituem o gênero em pauta com foco na linguagem. As reflexões resultantes desse diálogo irão orientar a realização do presente estudo bem como a elaboração do modelo didático do gênero entrevista memorialística para o ensino da oralidade.

Iniciaremos nossa discussão caracterizando as perspectivas teóricas acima delineadas. Na sequência, apresentaremos uma discussão sobre o gênero entrevista na perspectiva da historicidade, a qual é seguida pelos procedimentos metodológicos utilizados para a análise do recorte da entrevista com a definição das categorias de

¹ Para maiores informações sobre entrevista memorialística, conferir Miranda e Bussola neste volume.

análise. Nesse movimento, lançaremos luz aos questionamentos levantados, evidenciando, ao mesmo tempo, os elementos constitutivos do gênero entrevista que devem ser levados em consideração com vistas à sua didatização.

2. Contribuições das Tradições Discursivas para o ensino de gêneros na perspectiva do ISD

O escopo teórico assumido no presente trabalho compreende duas correntes teóricas distintas: o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e as Tradições Discursivas (TD) para o estudo do nosso objeto de pesquisa: o gênero entrevista. Ao elegermos ambas as vertentes, o objetivo traçado é estabelecer um diálogo entre as duas e buscar elementos de complementaridade ou (possíveis) divergências, que sirvam como pontos basilares para o ensino e a aprendizagem da oralidade mediante o gênero entrevista. Paralelamente, consideramos que o diálogo almejado propicia uma maior compreensão do modo como nos relacionamos com os pré-construídos e a maneira como eles regulam nosso “*agir geral*” e o nosso “*agir de linguagem*” (Bronckart, 2008a). O autor explicita o imbricamento entre essas duas ações na medida em que o primeiro agir é necessário para concretizar o segundo. Bronckart enfatiza ainda mais essa correlação quando explica que “as atividades gerais quase sempre requerem as de linguagem, que, dessa forma, dependem das atividades gerais” (Bronckart, 2006, p. 138). Por outro lado, ao explicar que “os conhecimentos são elaborados primariamente no âmbito das atividades coletivas concretas, que organizam e mediatizam as interações de cada indivíduo singular com o ‘mundo a conhecer’” (Bronckart, 2006, p. 186), o autor deixa claro que as ações de linguagem (agir de linguagem) se desenvolvem nas atividades sociais ou ‘atividades coletivas’ de um determinado contexto social.

Tais ações de linguagem se materializam em textos que são a manifestação concreta de uma atividade de linguagem em uma determinada prática social, conforme define Bronckart (2004). O autor esclarece ainda mais a definição de texto ao explicar que se trata de “produções verbais efetivas que assumem aspectos muito diversos, principalmente, por serem articulados a situações de comunicação muito diferentes” (1999, p. 69). Desse modo, é possível inferir que diferentes textos, sejam eles na forma oral ou escrita, se concretizam em gêneros decorrentes de atividades sociais distintas. Tais atividades assumem formas e objetivos comunicativos distintos, orientando, dessa maneira, as ações de linguagem (agir de linguagem) dos indivíduos em determinado contexto sócio-histórico.

Essa concepção de texto nos remete à questão de gênero textual como elemento central no que se refere ao ensino e a aprendizagem de língua (gem) e, por conseguinte, no processo de desenvolvimento humano. Como afirma Bronckart (2006, p. 154), “a prática dos gêneros constitui-se como um espaço importante da aprendizagem social” e de desenvolvimento. Paralelamente, Dolz e Schneuwly (2004, p. 51) concebem que os gêneros “constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade”. Ao mesmo tempo, esses autores veem no conceito de gênero outras dimensões além daquelas que se referem à caracterização do gênero e à sua realização em uma dada situação de comunicação. Assim, segundo a concepção de Dolz e Schneuwly, o gênero constitui um ‘mega-instrumento’ para agir em situações de linguagem, haja vista que se trata de um instrumento que mediatiza e potencializa o desenvolvimento das

capacidades de linguagem. Noutros termos, trata-se de objeto de cunho duplo: objeto de ensino e de aprendizagem.

Para melhor situar a concepção de gênero, é necessário retomar a noção de gênero como prática social, historicamente situada. Para isso, é relevante salientar o fato de que

a socialização se dá através da linguagem que mediatiza um passado cultural, mas a linguagem é também o resultado do processo de socialização desse passado cultural. A atividade de linguagem é uma construção coletiva, estruturada historicamente pelo meio social (Dolz e Tupin, 2011, p.89)² (tradução nossa).

Esse entendimento do contexto socio-histórico como elemento basilar na concepção de gênero evidencia a relação entre a linguagem, socialmente construída e a relevância da historicidade. Dessa maneira, abordaremos a seguir nosso objeto de estudo sob o prisma das Tradições Discursivas, que podem nos proporcionar uma visão complementar e mais abrangente.

A noção de tradições discursivas (Kabatek, 2006) se fundamenta nas regularidades dos textos ao longo da história, em diferentes culturas e sociedades (Andrade e Gomes, 2018). A partir dessa concepção de regularidades dos textos, historicamente situados, é possível apreender a dimensão das permanências, das (possíveis) modificações introduzidas na e pela linguagem e, por conseguinte, as formas de realização dos gêneros na qualidade de pré-construídos. A nosso ver, o aporte das Tradições Discursivas e aquilo que preceitua em termos de textos nos permite maior compreensão do nosso objeto de estudo: o gênero entrevista. A busca por essa correlação com base nesses postulados pode contribuir, por um lado, nos dando uma visão dos elementos linguísticos, sociocomunicativos e retóricos em uso no contexto histórico analisado de forma a apreender o agir de linguagem a partir dos pré-construídos. Por outro lado, acreditamos que ela pode contribuir para a construção de um modelo didático do gênero em pauta visando o ensino da produção de textos orais, a exemplo da entrevista.

O gênero entrevista, como prática social, é uma atividade consolidada e pertencente a uma tradição discursiva. Na definição de Rastier (2001), citado por Bronckart (2008b, p. 10), “um texto [gênero] é uma sequência linguística empírica atestada, produzida em uma prática social determinada e registrada em algum suporte”³ (tradução nossa). Esse argumento nos remete a um ponto essencial: a realização do gênero entrevista em suportes variados. Sob esse prisma, considerando o advento das novas tecnologias de informação, convém salientar que essa prática de linguagem reveste outros elementos outrora (quase) ausentes para fins de análise, tais como os elementos paralinguísticos e cinésicos.

No tópico a seguir, apresentaremos como se consolidou o gênero entrevista no domínio jornalístico e quais os processos implicados na transposição didática do gênero para o contexto escolar.

² “La socialisation se fait par le langage qui médiatise un passé culturel mais le langage est aussi le résultat du processus de socialisation de ce passé culturel. L’activité langagière est une construction collective, structurée historiquement par le milieu social”

³ “Un texte est une suite empirique attestée, produite dans une pratique sociale déterminée, et fixée sur un support quelconque”

3. O gênero entrevista: das práticas de referência às práticas de linguagem escolares

Partindo da noção de que a língua é uma atividade social, cognitiva e histórica (Marcuschi, 2002), os gêneros podem ser compreendidos como formas relativamente estáveis de enunciados (Bakhtin, 2003) com funções sociocomunicativas específicas (Marcuschi, 2002). Ademais, eles organizam a vida em sociedade e são reconhecidos por uma comunidade discursiva (Bazerman, 2009). Sob essa perspectiva, parece-nos razoável considerar a entrevista como um termo guarda-chuva para se referir a um gênero multifacetado⁴ presente em vários campos de atuação da vida social e que embora presente, “em certo sentido, uma estrutura geral, comum a todos os tipos de eventos em que se realiza, também manifesta estilos e propósitos diversos. O que todos esses eventos parecem ter em comum é uma forma característica, que se apresenta numa estrutura marcada por perguntas e respostas” (Hoffnagel, 2002, p.180). A exemplo disso, temos a entrevista em telejornais, a entrevista radiofônica, a entrevista como instrumento científico de coleta de dados, a entrevista clínica e a entrevista de emprego.

Embora seja difícil precisar quando um determinado gênero surgiu, alguns estudiosos, como Morin (1984), apontam que a entrevista jornalística, no modelo canônico que conhecemos hoje (pergunta e resposta), teria emergido em um contexto de investigação policial norte-americano na primeira metade do século XIX. Naquela ocasião, a prática social consistia em reportar os fatos cotidianos nos jornais locais por meio de notícias ou crônicas sem, contudo, ouvir as pessoas envolvidas. Ainda segundo o autor, inicialmente a entrevista não teria sido bem aceita pelos críticos da época, que alegavam ser ela enfadonha ao público ou até mesmo uma trama de um repórter farsante. Somente com o passar dos anos é que esse gênero foi se consolidando e adquirindo credibilidade no âmbito do domínio jornalístico.

Segundo Bahia (1971), uma entrevista jornalística deve atender a quatro requisitos básicos. O primeiro deles refere-se à *autenticidade*, ou seja, a necessidade de se verificar junto a fontes confiáveis, de credibilidade, a veracidade daquilo que está sendo dito pelo respondente. O segundo aspecto refere-se à habilidade do entrevistador em manter o *interesse* do público no conteúdo da entrevista. Uma terceira, e não menos importante exigência, é a *identificação do entrevistado*, ou seja, quem é a pessoa a quem eu me reporto e qual papel social ela assume naquele momento (especialista, político, artista, atleta etc.). Por fim, *o texto da entrevista precisa ser fluente, equilibrado e acessível*, ou seja, de fácil leitura e compreensão.

Quanto aos tipos de entrevista jornalística, Morin (1984) estabelece uma categorização a partir de parâmetros que consideram a finalidade, o formato ou a natureza do conteúdo abordado. Segundo o autor, a entrevista pode ser geradora de conteúdos jornalísticos quando se propõe a coletar informações de pessoas que presenciaram ou estavam diretamente envolvidas em um fato ocorrido (um incêndio em uma loja de departamento, por exemplo). Nesse caso, o jornalista recorre a *entrevistas de rotina* ou a *entrevistas caracterizadas* como técnicas que lhes permitirão mobilizar diferentes vozes sociais (nominalizadas ou não) ao noticiar um fato, garantindo-lhes, por conseguinte, certa isenção e imparcialidade. Assim, enquanto a *entrevista de rotina* busca trazer à tona a perspectiva de um coletivo sobre o ocorrido, o qual é representado no texto noticioso por palavras ou expressões mais genéricas (“segundo testemunhas...”, “pessoas que circulavam no local...”), a *entrevista caracterizada* enfatiza esse mesmo

⁴ Considerando o objetivo deste artigo, nos ateremos à entrevista em um domínio discursivo específico : o jornalismo.

fato reportado sob a ótica de um único agente, que é especificado ou identificado na notícia (“Segundo o gerente da loja, ...”, “de acordo com a vendedora...”).

No que concerne ao formato, a entrevista jornalística pode variar conforme o perfil do entrevistado. Desse modo, ela pode se configurar de forma mais convencional (*entrevista individual*), obedecendo ao par *entrevistador e entrevistado*, em que um jornalista entrevista uma única pessoa; ou *entrevistas de grupo*, que “ocorrem quando várias pessoas falam a um ou a vários jornalistas” (Morin, 1984, p.161). É o que ocorre, por exemplo, quando um grupo de atletas fala sobre a vitória da equipe a um repórter. Há, ainda, a entrevista do tipo *enquete*, “aquelas em que um ou diversos repórteres entrevistam sobre o mesmo assunto muitas pessoas (da mesma categoria social ou não, dependendo do assunto a ser abordado)” (Morin, 1984, p.161). Enquadrar-se-iam nesse tipo de entrevista situações como a cobertura jornalística sobre uma greve de metrô em uma grande capital urbana, em que vários agentes, com papéis sociais diversos (usuários do metrô, empresários, metroviários), seriam entrevistados e reportariam cada qual a sua opinião sobre o fato. Todavia, se o assunto exigir um conhecimento mais específico, a enquete seria realizada apenas com a participação de especialistas na área (por exemplo, juristas seriam procurados para comentar sobre o marco de terras indígenas). Por fim, temos a *entrevista de pesquisa*, que é aquela em que o entrevistador busca validar (ou não) uma informação inicial. Para tal, ele recorre a fontes confiáveis que possam legitimar ou não essa informação antes de reportá-la ao seu público.

Ainda segundo Morin (1984), a entrevista jornalística também pode ser caracterizada conforme o perfil do entrevistador. Nesse viés, temos a *entrevista pessoal ou exclusiva*, que ocorre quando um entrevistador habilidoso negocia e convence alguém a se reportar unicamente a ele sobre um assunto específico, uma espécie de “furo jornalístico”. Outro formato é o de *entrevista coletiva*, também conhecida como *coletiva de imprensa*, que ocorre quando várias personalidades (ou apenas uma) convocam os jornalistas de várias emissoras de rádio e televisão para falar sobre um conteúdo importante. Nesse tipo de entrevista, existe um conjunto de regras que devem ser respeitadas pelo coletivo de repórteres, com turnos e tempos de fala bem demarcados. Quando essa convocação à imprensa parte de uma autoridade de notoriedade (o Presidente da República, por exemplo), temos uma *conferência de imprensa*, da qual só é possível participar jornalistas credenciados. Nesse evento, as perguntas precisam ser elaboradas previamente pelos jornalistas e enviadas aos assessores da autoridade, que irão julgar quais são improcedentes, importunas ou que podem ou não ser respondidas a partir de dados técnicos disponíveis.

No que diz respeito à natureza do conteúdo, a entrevista jornalística pode ser classificada como *informativa*, *opinativa* e de *personalidade*. Na primeira, o objetivo é o de apenas apreender uma ideia ou obter um relato de alguém sobre um evento experienciado ou um fato testemunhado para redigir uma matéria jornalística. Já na segunda, o que se pretende é coletar a opinião de um especialista acerca de uma temática específica ou um tema controverso. Por fim, a de *personalidade*, busca compreender a trajetória de vida de uma pessoa importante, seus hábitos, suas conquistas, seus anseios etc (Morin, 1984, p.164). Esta última se aproxima do que Miranda e Bussola (neste volume) denominam de entrevista memorialística, categoria em que se enquadra o exemplar de entrevista que analisaremos mais adiante.

A realização de uma entrevista requer um planejamento prévio e cuidadoso por parte do repórter. Em relação a isso, Ramos (1970) sugere três etapas, a saber: 1) coletar o máximo de informações sobre o entrevistado e o assunto a ser abordado; 2) verificar antecipadamente qual o posicionamento o jornal ou emissora assume acerca do assunto

a ser tratado; e 3) solicitar dos seus superiores imediatos (redator, editor chefe etc.) orientações e/ou sugestões acerca de possíveis perguntas a serem feitas ao entrevistado.

Desse modo, o jornalista precisa fazer uma pesquisa minuciosa acerca do perfil do pretendo entrevistado e do que já foi dito publicamente por ele de modo a não ser redundante ou inconveniente. Tal procedimento auxilia na construção de uma imagem positiva e de credibilidade do repórter frente ao entrevistado e ao público. Nesse processo, ter um roteiro de perguntas bem delineado e objetivo é indispensável para se obter as informações desejadas e evitar improvisos. Cabe ainda ao entrevistador tomar as rédeas da entrevista, controlando o tempo, promovendo a alternância dos turnos de fala tão necessária ao gênero e sabendo direcionar a “conversa” a fim de que seja garantida a progressão temática, a clareza de ideias e, por conseguinte, atinja o objetivo inicialmente traçado para a entrevista.

Quanto às condições de produção, a entrevista jornalística pode ocorrer de forma síncrona, ou seja, na situação de fala imediata, em interação face a face, ou por meio de videoconferência ou telefonema; ou de forma assíncrona, por meio de um roteiro escrito de perguntas previamente elaborado e enviado por e-mail ao entrevistado, que, por sua vez, irá retornar com as respostas no momento oportuno. Seja de uma forma ou de outra, o lugar social é sempre a imprensa (jornal impresso, blog jornalístico, rádio ou televisão).

Por ser uma prática de linguagem já consolidada no domínio jornalístico, a entrevista acaba por se configurar como gênero altamente ritualizado ou padronizado. Segundo Schneuwly e Dolz, (2004), no jogo de perguntas e respostas, os papéis sociais são bem delimitados, ou seja, há um entrevistador que “abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz nossos assuntos, orienta e reorienta a interação” (p.73); e um entrevistado, que “uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas” (p.73). Nesse diálogo, um terceiro interlocutor ainda precisa ser considerado: a plateia (no caso da entrevista televisiva), os ouvintes (na entrevista radiofônica) ou o público leitor (entrevista impressa ou publicada em um blog jornalístico).

No contexto das práticas de linguagem escolares, o gênero sempre será uma variante do gênero de referência, isto porque sofre “um desdobramento: ele passa a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem (Dolz; Schneuwly; Haller, 2004, p.150). Tal processo ocorre em função das especificidades e os objetivos da escola enquanto agência de letramento. Na prática, isso implica forjar situações didáticas, a partir de parâmetros contextuais do funcionamento da linguagem, possibilitem, que de algum modo, recriem os modos de organização e funcionamento dos gêneros em seu *habitat* social. Trata-se, em outros termos, de uma ficcionalização, “uma representação puramente interna, cognitiva, da situação de interação social” (Schneuwly, 2004, p.122). No tocante ao gênero entrevista,

a finalidade visada pelo enunciador não é somente a de saber, mas também de transmitir o saber a outros; o destinatário das perguntas não é somente o entrevistado, mas também os ouvintes; o entrevistador não é somente um aluno que gostaria de saber, mas também um mediador entre o entrevistado e o auditório; o lugar social não é somente o lugar dado da entrevista, mas um tipo de emissão numa *mass media* (Schneuwly, 2004, p.123).

Como podemos observar, a realização desse gênero na escola insere-se em uma atividade de linguagem altamente complexa e, em razão disso, necessita de uma

intervenção didática sistemática, na qual os aspectos implicados no ensino da linguagem oral ganham relevo, tais como os elementos prosódicos, expressões faciais, postura corporal, gesticulação e ocupação de lugares.

Na tentativa de tornar visíveis as dimensões ensináveis do gênero entrevista radiofônica, Schneuwly e Dolz (2004, p.74) realizaram um estudo tomando como *corpus* exemplares autênticos desse gênero e práticas de linguagem com esse gênero na escola. A partir das análises empreendidas, os autores apontaram para três dimensões que precisam ser alvo de reflexão no terreno escolar: 1) estabelecer parâmetros de regulação interna do gênero. O aluno precisa assumir *o papel do entrevistador*, atuando como um especialista e um mediador do processo de interação. Tal aspecto acaba por auxiliar os alunos a exercitarem a escuta ativa e atenta e a respeitar os turnos de fala dentro do jogo de interação verbal; 2) a compreensão acerca da *organização interna da entrevista* (abertura, fase de questionamento ou núcleo e fechamento) é crucial para que os alunos aprendam o funcionamento interno do gênero; 3) A *regulação local*, que, por exemplo, envolve a (re) formulação de questões que possibilitem a manutenção e progressão temática da entrevista.

Considerando tais aspectos e o que defende Lodi (1991), traçamos um possível decálogo⁵ com alguns procedimentos e cuidados para se obter êxito em uma entrevista, os quais podem ser alvo de processos de didatização na escola: 1) ser pontual, respeitando o horário previamente combinado; 2) utilizar-se do princípio da transparência ao deixar claro para o entrevistado o que se quer e o que se espera dele; 3) elaborar e seguir o roteiro semiestruturado e enxuto de perguntas para garantir a unidade tópica sem cansar muito o entrevistado; 4) agir com naturalidade, simpatia e educação a fim de manter uma atmosfera favorável à entrevista; 5) ouvir com respeito e atenção, demonstrar interesse por aquilo que está sendo dito pelo entrevistado, mesmo que haja discordância sobre o conteúdo, para evitar constrangimentos, conflitos ou uma má interpretação das ideias; 6) ser objetivo e claro nos seus questionamentos (ir direto ao ponto), pois isso minimizará as possibilidades de respostas distorcidas ou evasivas; 7) respeitar o turno de fala do entrevistado, possibilitando que ele conclua o raciocínio iniciado; 8) adequar a linguagem ao perfil do entrevistado (seu repertório enciclopédico e seu universo sociocultural), o que possibilitará uma maior adesão e identificação entre entrevistador e entrevistado; 9) reiterar, reformular questionamentos ou utilizar-se de outras estratégias linguístico-discursivas, como a exemplificação, quando isso for necessário para garantir a clareza ou assegurar a resposta daquilo que foi perguntado; 10) ter o cuidado em fazer um preâmbulo - contextualizando para o público o teor da entrevista e o perfil do entrevistado - e um fechamento - agradecendo a disponibilidade e a participação do entrevistado.

Feitas as considerações teóricas acerca do gênero entrevista, situando-o como uma tradição discursiva consolidada tanto no domínio jornalístico quanto no contexto das práticas de linguagem escolares, passaremos, a seguir, a apresentação dos aspectos metodológicos que nortearam a realização deste estudo.

5. Metodologia

O presente estudo é de caráter exploratório (GIL, 2009), uma vez que o que se pretende é descortinar elementos da historicidade do gênero entrevista de modo a

⁵ O presente decálogo não se propõe a normatizar o gênero. O propósito aqui é outro: traçar alguns possíveis encaminhamentos para os processos de didatização desse gênero no contexto escolar.

verificar de que forma é possível incorporar tal aspecto na elaboração de um Modelo Didático do Gênero.

O que trazemos aqui para análise é um recorte a que tivemos acesso de uma entrevista memorialística concedida por Pelé na segunda metade do século XX, especificamente no ano de 1967. Esse recorte corresponde aos dez minutos iniciais da entrevista. Na ocasião, Pelé discorreu sobre a sua biografia e a sua trajetória de sucesso no futebol. Tal fragmento é parte de uma série (ainda existente) intitulada “Depoimentos para a posteridade”, realizada pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo (São Paulo, Brasil), e foi publicada em um LP dividido em duas partes⁶. Esse recorte da entrevista com Pelé é objeto de análise de uma pesquisa mais ampla, de caráter multidimensional, desenvolvida no âmbito do grupo Historicidade dos Textos e Ensino de Língua (HISTEL)⁷, cujos resultados podem ser encontrados nos demais artigos deste volume.

Para este artigo, os procedimentos de análise incluíram cinco etapas: 1) caracterização do contexto histórico em que se deu a entrevista; 2) escuta ativa e atenta do áudio da entrevista e leitura minuciosa do texto transcrito; 3) identificação da organização e das regularidades internas do gênero; 4) levantamento dos meios linguísticos e não linguísticos (prosódicos) mobilizados pelos participantes (entrevistador e entrevistado) durante a entrevista; 5) esboço de um modelo didático da entrevista memorialística considerando os aspectos da historicidade do gênero.

6. A Análise dos dados

Nossa análise inicia apresentando algumas considerações acerca do contexto histórico em que se deu a entrevista. O ano era 1967, três anos antes da copa do mundo de 1970, que foi realizada no México, onde o Brasil se consagraria tricampeão mundial de futebol. Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido no universo futebolístico como Pelé, já era um jogador consagrado internacionalmente, pois já havia protagonizado duas conquistas de copas do mundo (1958 e 1962).

Historicamente, o Brasil vivia em um regime de ditadura militar, sob a presidência de Artur da Costa e Silva (1967), e que se manteve com a condução, pelo Congresso Nacional, do general Emílio Garrastazu Médici ao cargo de presidente da república em 1969. Naquela ocasião, havia o cerceamento à palavra, uma espécie de regulação institucional em relação à abordagem de temas controversos e à emissão de opiniões por parte da imprensa brasileira. É sabido que tal característica influenciou as formas de se fazer jornalismo na época e, por conseguinte, o conteúdo dos gêneros produzidos nesse domínio discursivo. O recorte de entrevista que vamos analisar aqui (entrevista memorialística) insere-se nesse contexto e assume um caráter mais de relato biográfico.

Dito isto, nos propomos a fazer uma análise de um recorte da entrevista pontuando alguns aspectos discursivos, linguístico-discursivos e prosódicos na relação com a historicidade do gênero.

⁶ Para maiores informações sobre o LP, consultar o artigo de Miranda e Bussola neste volume.

⁷ O Grupo de Pesquisa sobre a Historicidade do Texto e Ensino de Língua (HISTEL) envolve estudiosos da Université de Genève (Suíça), Universidade Federal do Ceará (Brasil), Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), Universidade Federal Rural de Pernambuco (Brasil), Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Brasil), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Universidade Nacional de Rosario (Argentina) e Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

1) *Aspectos discursivos:*

Tomando como ponto de partida a organização interna do gênero entrevista radiofônica proposta por Schneuwly e Dolz (2004), o recorte da entrevista com Pelé apresenta a seguinte configuração:

a) uma *fase de abertura* mais sucinta, em que o entrevistado é apresentado ao público ouvinte como “*maior ídolo do futebol brasileiro... o jogador Pelé.... Edson Arantes do Nascimento*”.

b) uma *fase de questionamento*, cujas perguntas versaram sobre dados biográficos mais gerais, a origem do apelido, a sensação do jogador a marcar um gol, as condições físicas dos jogadores brasileiros, a frustração da seleção brasileira ter perdido a última copa do mundo (1966) e os gols marcados na carreira. Inicialmente, o entrevistado inicia agradecendo e fazendo alguns cumprimentos (“*primeiro lugar é minha satisfação de estar aqui é enorme... vocês sabem disso... e::... aproveito a oportunidade também ... para enviar meu/um abraço a todos os amigos...*”). Na sequência, apresenta alguns dados biográficos, tais como o local onde nasceu (“*eu sou de Minas...nasci em Três Corações..*”), a idade (“*tenho 26 anos*”) nomes dos pais (“*meus pais são::... João Ramos Nascimento...*”), dos irmãos (“*tenho:... dois irmãos...um casal... Jair Arantes do Nascimento... [...]*”), da esposa (“*minha esposa se chama...Rosemeri Cholbie...*”), da filha (“*minha filha...Kelly Cristina Cholbi Nascimento...*”) e relata memórias da infância e de como surgiu o seu interesse pelo futebol (“*bom...a primeira vez que eu pus as chuteiras foi com dez ou onze anos...*”) e a origem do seu apelido (“*havia um turco numa rua que nós jogávamos bola...um turco que vendia fazendas lá:: e que:: ele não sabia ... direito falar...e ele dizia::... “Lé eu não quero que joga bola aqui lé:”... “vai jogá com com o pé lé ou com a mão lé:”...ai ficou assim...sabe?)*). Em um segundo momento, o jogador discorreu sobre a sensação que sentia ao marcar um gol (“*sensação de fazer um gol é difícil de explicar viu?...mas o pensamento imediato que você tem... é:: fazer outro...)*), acerca do condicionamento físico do jogador brasileiro (“*eu não acho que o jogador... seja mal preparado...[...]*”), da frustração de se perder uma copa do mundo (“*faltou um pouco de confiança...porque os jogadores foram ince:rtos... [...]*”) e, por fim, sobre os gols marcados na carreira (“*até o ano passado...oficialmente eu tinha feito oitocentos e setenta e cinco [...]*”)

c) *fase de fechamento* – há, mas como o enfoque aqui é apenas em um segmento da entrevista completa, não é possível apresentar evidências de como ocorreu essa etapa de funcionamento do gênero.

Quanto aos aspectos tipológicos, o segmento do texto analisado constitui-se unicamente por sequências dialogais (par pergunta e resposta, do início ao fim) na forma de discurso direto.

2) *Aspectos linguístico-discursivos:*

No que concerne aos aspectos linguístico-discursivos, foram observadas as seguintes características:

- Linguagem informal. Percebe-se o tempo todo a oralidade espontânea, um fluxo de linguagem não articulada nos mesmos moldes da linguagem na modalidade escrita. A estrutura denota a espontaneidade, à medida que os episódios são rememorados na fala.. O entrevistado Pelé está interagindo com o entrevistador e com seu público amante do futebol, onde a formalidade não caberia: *'tava' tava 'memo' 'devia tá' 'num sei o que:...' ; 'eu saí correno pra aquele lado'; 'comecei dá soco na torcida pra:: desabafo né...? 'porque nu:m num deu pelo.../não...fizeram uma equipe'; 'saber ON:de'.*

- Modalização apreciativa: emprego de adjetivos e advérbios indicadores da grandeza e da importância do Rei. *'pomposamente, passo agigantado, sobejamente, faustosamente, inusitado, deu mais alma, magistral gol, estremece o maior estádio do mundo, golaço, etc'.* O entrevistador avalia de forma subjetiva a importância e grandeza do jogador Pelé.

- De modo geral, fora alguns elementos lexicais e certas práticas sociais, tais como as brincadeiras com *bola de papel* ou de *pano de meia*, essa entrevista estaria bem inserida no contexto histórico atual. A linguagem usada não causaria estranhamento, exceto alguns itens lexicais típicos de um contexto histórico.

- Itens lexicais que denotam historicidade e mudança lexical: *búllica*, conhecida nos dias de hoje como *bola de gude*. Atualmente, *búllica* designa o buraco que se faz no chão, onde entra a bola de gude.

- utilização de tempos verbais no passado (pretérito perfeito e imperfeito) para fazer referência a algumas práticas sociais da infância: *'aquelas brincadeiras na rua... de de:: pega... brincadeiras de de bolinhas de gude... que no meu tempo se chamava 'búllica'...as bolinhas de vidro'; o pião...a bola...aquela época a a:: bola era de papel... bola de laranja ... bola de pano de meia...nesse tempo nós não tínhamos luxo ainda de querer uma bola de borracha... uma bola de capão...como dizem agora... de Couro*

- Palavras que denotam contexto sócio-histórico que seria desconhecido pelos adolescentes e crianças hoje em dia: *bola de papel, de pano de meia*

- Elementos socioculturais: chama atenção em primeiro lugar a identidade de menino 'pobre': *"bo:m...a minha infância foi muito boa... como todas infâncias dos garotos pobres". Sadia...*". Podemos fazer um questionamento acerca do valor atribuído a essa infância face ao consumismo que caracteriza nossos dias

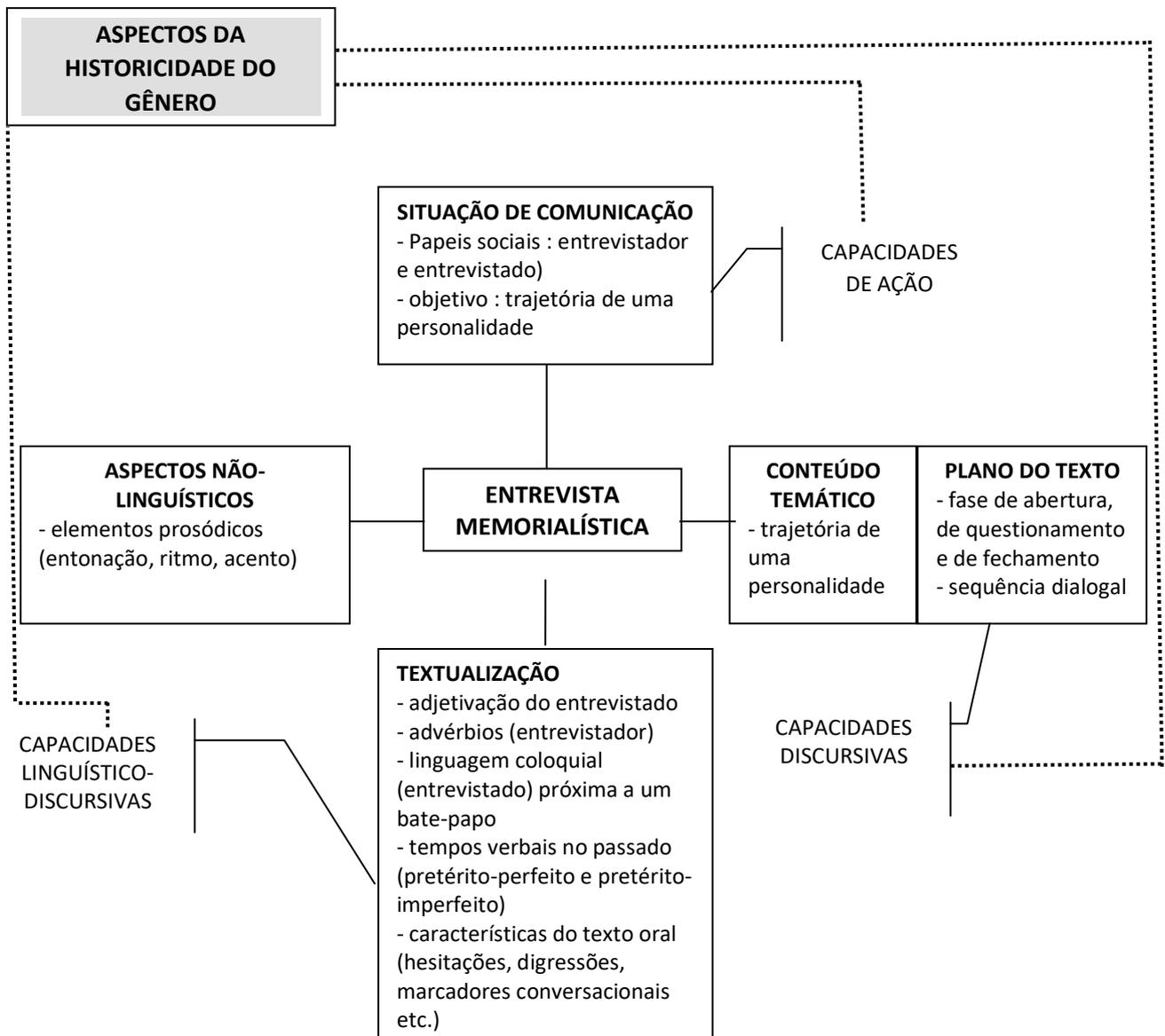
3) *Elementos prosódicos*

No que concerne aos elementos prosódicos, de modo geral, não há muita modulação entoacional na fala do entrevistado mesmo nos trechos em que canta. Contudo, no recorte analisado, o teor de ênfase é bastante acentuado quando os diferentes narradores de jogos distintos apresentam ao público os respectivos eventos e narram a atuação do Rei Pelé. Entoação típica de narração de jogos de futebol na qual prevalece o alongamento das vogais.

7. Em busca de um Modelo Didático do Gênero Entrevista Memorialística

Com base no que pontuamos acima, apresentamos, a seguir, um esboço de um possível Modelo Didático do Gênero (MDG) da entrevista memorialística incluindo o aspecto da historicidade. Vejamos:

Fig. 1: Esboço de um MDG para a entrevista memorialística



Fonte: elaborado pelos autores

O MDG acima sinaliza para o aspecto da historicidade dos textos que, a nosso ver, precisa ser incorporado ao ensino sistemático do gênero, em especial no que se refere ao desenvolvimento de capacidades de ação, discursivas, linguístico-discursivas, e, em se tratando de gênero orais, ao trabalho com os elementos prosódicos.

7. Considerações Finais

A análise de um exemplar representativo de sincronias passadas à luz do que propõem as TD e o ISD possibilitou-nos situar, de algum modo, o gênero entrevista em sua historicidade, delineando o contexto sócio-histórico em que foi produzido e desvelando algumas de suas regularidades linguísticas e composicionais, além de aspectos prosódicos.

Temos consciência de que o esboço do MDG aqui proposto, embora tenha lançado luz a algumas dimensões ensináveis desse gênero, ainda é de caráter provisório e incipiente, em especial no que concerne ao aspecto da historicidade. Uma versão mais fidedigna do MDG só será possível mediante a análise de novos exemplares do gênero entrevista memorialística em diferentes tempos históricos.

Dado o exposto, concluímos que a inserção da dimensão histórica do gênero nos processos de didatização na escola ainda se apresenta como um grande desafio, mas se incorporada, pode potencializar práticas de ensino e processos de aprendizagem mais amplos e significativos no que concerne às permanências e às transformações do gênero e ao modo como ele funciona e vem organizando a vida em sociedade ao longo dos anos.

Referências

BAHIA, Juarez. *Jornalismo, Informação, Comunicação*. Livraria Martins Editora, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003 [1979].

BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, tipificação e interação*, 2009.

BRONCKART, J. P. *Activité langagière, textes et discours: pour un interactionnisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux & Niestlé, 1996.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008a.

_____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. MACHADO; MATÊNCIO (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. *Didactique de la grammaire*. Cahier 88. Genève: Département de l'Instruction Publique, Enseignement Primaire, Secteur des Langues et Culture Française, 2004.

_____. Genres de textes, types de discours et degrés de langue hommage à François Rastier. *Texto*, v. 13, n. 1, janv. 2008b.

DOLZ, J.; TUPIN, F. *La notion de situation dans l'étude des phénomènes d'enseignement et d'apprentissage des langues: vers une perspective socio-didactique*, 2011. Disponível em : <https://archive-ouverte.unige.ch/home>

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p.149-188.

GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa?* 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HOFFNAGEL, Judith. Entrevista: uma conversa controlada. *In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). Gêneros textuais e ensino*, 2002. p.180-193.

LODI, João Bosco. *A entrevista – teoria e prática*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1991 [1971].

MARCUSCHI, 2002. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). Gêneros textuais e ensino*, 2002. p.19-36.

MORIN, Edgar. A entrevista. *In: ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo*. Vozes, 1984. p.156-170.

RAMOS, José Nabantino. *Jornalismo – Dicionário Enciclopédico*. São Paulo: Ibrasa (Instituição Brasileira de Difusão Cultural), 1970.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p.61-78.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. *In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p.109-124.